

Danillo Oliveira



Evento em Brasília reuniu dezenas de prefeitos, vereadores, deputados, além de representantes do governo federal

Quaquá assume a presidência da Associação Brasileira de Municípios

O prefeito de Maricá (RJ), Washington Quaquá (PT), tomou posse nesta terça-feira (25), em Brasília, como presidente da Associação Brasileira de Municípios, uma das entidades federativas mais tradicionais do país, com 75 anos de atuação. Ele disse que terá como foco estimular a vocação das cidades.

“Cada município tem a sua vocação e o que precisamos agora é unir municípios e vocações. Como dizia Darcy Ribeiro, o Brasil é a província mais luminosa da terra e começa nas nossas cidades. Temos aqui um espaço enorme para debater e dialogar com todos para a construção de políticas públicas que façam a diferença na vida das pessoas”, afirmou Quaquá.

Ao passar a presidência da ABM a Quaquá, o prefeito de São Leopoldo (RS), Ivo Vanazzi, disse que há pelo menos 4 mil cidades com população inferior a 30 mil habitantes e elas demandam apoio para romper a barreira da

burocracia — no que Quaquá já se propôs a ajudar.

O evento, na sede da ABM na capital do país, reuniu autoridades dos três níveis de governo, com a participação de dezenas de prefeitos, deputados federais, estaduais, vereadores de vários estados, além do representante da ministra Gleisi Hoffmann, o vice-ministro da Secretaria de Relações Institucionais da Presidência da República, Olavo Noletto.

Vocações de Maricá

Ao citar as vocações de Maricá, Quaquá declarou sua meta de fortalecer na cidade o turismo como meio de empreender e gerar novos empregos. Ele citou projetos que captou na Europa, como o da primeira clínica para tratamento inédito no Brasil de câncer por protonterapia. O prefeito declarou que a novidade terapêutica, de última geração, vai evitar maiores efeitos colaterais nos pacientes e ainda será oportunidade para desenvolver em Maricá o “turismo de saúde”.



MAGNAVITA

claudio.magnavita@gmail.com

@colunamagnavita

Presidente da Comissão de Direitos Humanos da OAB-RJ quer ampliar rede de proteção e maior proximidade com Corte Interamericana

Flávia Freitas/OAB-RJ

A Comissão de Direitos Humanos da OAB-RJ ganhou, oficialmente, um novo presidente. O advogado Sidney Guerra foi empossado pela presidente Ana Tereza Basilio em cerimônia, na sede da Seccional, na última segunda-feira (24). Guerra pretende buscar maior aproximação com a Corte Interamericana de Direitos Humanos e criar, na OAB-RJ, uma rede de proteção de Direitos Humanos em parceria com outras diretorias e comissões.

“O Brasil é parte de tratados internacionais e reconhece a jurisdição da Corte Interamericana. Por se tratar de um tribunal internacional, é possível postular ações de responsabilidade por atos atentatórios aos direitos humanos por ação ou omissão do estado. Nossa aproximação será um elemento importante para promoção e proteção dos direitos humanos. No âmbito da OAB-RJ, queremos ter uma ação mais qualificada nos mais diversos assuntos que estejam vinculados à nossa comissão.

Ana Tereza Basilio ressaltou a qualifica-



A presidente da OAB-RJ, Ana Tereza Basilio (d) com o novo presidente da Comissão de Direitos Humanos da Ordem, Sidney Guerra (e)

ção técnica de Sidney Guerra para assumir a presidência da CDH. Pós-doutor, o advogado é professor titular da UFRJ e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos (mestrado e doutorado) da Faculdade Nacional de Direito (FND/UFRJ). É também coordenador do Laboratório de Direitos Humanos da Universidade Cândido Mendes (UCAM).

Bairro Harmonia: o maior projeto de desenvolvimento urbano do Estado do Rio

Bairro Harmonia, projeto que já concentra equipamentos de grande sucesso, como o Shopping Plaza Rio das Ostras, Atacadão e Vilarejo, além de dois empreendimentos residenciais e um comercial que são sucesso de vendas, anunciou, nesta segunda-feira (24), os planos de expansão para próximos anos.

Com a proposta de oferecer as opções de moradia, trabalho, lazer, educação, comércio e serviços, com segurança e sustentabilidade, o bairro é um dos poucos bairros planejados no Brasil. Lançado em 2024, o bairro teve a primeira fase 100% vendida em 6 horas.

De acordo com Rafael Bousquet, CEO do empreendimento, mais do que um espaço físico, é um projeto que coloca as pessoas em primeiro lugar, redefinindo os padrões de qualidade de vida da cidade. “Imagine um lugar onde cada detalhe foi planejado para propor-

cionar uma experiência única, onde a harmonia entre o útil e o agradável é a essência. Criamos um bairro com uma infraestrutura de ponta, oferta completa de serviços e paisagismo diferenciado. Será possível passear por uma ciclovia, se exercitar em quadras esportivas, de areia e gramada, e aproveitar a área verde de um parque. Haverá ainda um Espaço Kids e um Pet Place”.

Rio das Ostras reúne potencial para se tornar referência em urbanismo qualificado, turismo e sustentabilidade. Foi a primeira cidade do Brasil até 100 mil habitantes a ter esgoto tratado e emissário submarino para 80% da população. Possui água e energia abundantes. O próximo passo é montar um equipamento urbano para transformar a cidade em destino. A região já recebe 4 milhões de turistas por ano.

Confira o texto na íntegra através do site do Correio da Manhã.



Marcos Fabríni

Rafael Bousquet e Cristiano Bousquet, empreendedores líderes do Bairro Harmonia

Fernando Molica

STF tem chance de refundar a República

Pela primeira vez na nossa história, militares e civis acusados de tentarem dar um golpe de Estado deverão ser processados e julgados — e isso não é pouco. Ao, muito provavelmente, mandar para o banco dos réus um ex-presidente e oficiais-generais da reserva, o Supremo Tribunal Federal tomará uma atitude capaz de refundar uma república nascida de uma quartelada.

A Procuradoria-Geral da República e o STF deverão fazer o que o poder civil, por cumplicidade, medo ou oportunismo, nunca tentou: colocar um freio na lógica perversa que, na prática, concede aos militares o direito de intervir nos destinos do país.

As esperadas futuras condenações terão um caráter didático. Tendem a acabar com essa carta-bomba guardada nas mangas de fardas por militares e pelas sempre renovadas vivendeiras de quartéis. Uma prática que há quase 136 anos assombra o país, permite a funcionários públicos o direito de derrubarem governos e estabelecerem ditaduras.

Os dois últimos anos do mandato de Jair Bolsonaro ressuscitaram uma rotina comum nos anos 1980, quando a ditadura caía de podre, negociava com civis a devolução de um país quebrado e tratava de garantir uma transição que garantisse impunidade a torturadores e assassinos.

Na época, veículos de imprensa não podiam abrir mão de cobrir cerimônias castrenses; nós, repórteres, lutávamos para conseguir declarações de ministros militares (na época, cada força tinha sua pasta). Eles eram estimulados a falar sobre abertura política, respeito às urnas e retomada das eleições diretas para presidente.

Cada nota emitida pelos tais ministros era lida com lupa, era preciso catar em todas as linhas e entrelinhas referências a ameaças de retrocesso político. Na prática, reconhecíamos — fazer o quê? — que eles poderiam acabar com a festa.

O mesmo ocorreu a partir de 2021, quando os propósitos golpistas de Bolsonaro ficaram ainda mais claros. E tome de declarações dúbias, de notas e mais notas oficiais, de general-ministro da Defesa dando palpites em urna eletrônica (como se eles, militares, entendessem de eleição, são bons em acabar com elas).

O caráter recíproco da anistia de 1979 foi decisivo para preservar a tutela dos militares sobre o país — a não punição de torturadores passou para os quartéis e para a sociedade o recado de que os fardados podiam fazer o que quisessem, jamais seriam punidos.

O atentado ao Riocentro, ocorrido depois da anistia, escancarou de vez esse poder. O

Exército chegou ao ponto de destituir da relatoria do inquérito policial-militar um coronel que queria apurar os fatos; em seu lugar, colocou o coronel Job Lotrena de Sant’Anna que apresentou uma conclusão vergonhosa, recompensada com a patente de general. Sobrevivente do atentado terrorista que tentou provocar, o capitão Wilson Machado chegou a coronel — recebe salário de general.

O uso recorrente do cachimbo golpista e a certeza da impunidade foram ingredientes decisivos para a tentativa de virada de mesa entre 2022 e 2023. Dessa vez, porém, a Polícia Federal, o Ministério Público e a Justiça não vão deixar de cumprir suas obrigações constitucionais.

A questão é muito maior do que punir Bolsonaro e seus aliados, o que está em jogo é a possibilidade de, enfim, o Brasil entender que precisa agir como adulto, deixar de correr para quartéis como criancinhas que buscam o pai na hora em que sentem medo.

É preciso acabar com o comportamento infantil de adultos que não conseguem se ver capazes de cuidar dos próprios destinos, que protagonizaram cenas patéticas como as de orações em frente a quartéis. Eles que busquem ajuda profissional para tratar essa fixação em uniformes e tratem de nos deixar em paz.

Alexandre Garcia

Trump e Macunaíma

No discurso de posse, Trump poderia estar se dirigindo aos brasileiros; eu me senti vestindo a carapuça muitas vezes. E já no início, quando ele anunciou que começava uma era de ouro, em contraposição com o fim de tempos de declínio. Sacudiu-me como brasileiro, porque parecemos masoquistas, que temos prazer com a decadência, o descumprimento das leis, o lixo, o crime, a mentira, o aplauso a espartalhões. Trump quer volta aos tempos de construção da América grande, de ocupar o meio-oeste e conquistar o oeste, por patriotas que venceram desafios formidáveis; aqui, estamos em tempo de condenar patriotas, de condenar os que conquistaram o centro-oeste e os que tentam ocupar o norte sempre cobiçado por estrangeiros.

Trump recordou que tentaram tolher-lhe a liberdade de concorrer à presidência e até tirar-lhe a vida, com o tiro que era para a cabeça mas feriu a orelha. Poderia estar se comparando a Bolsonaro e a faca que quis tirar-lhe a candidatura e a “inelegibilidade”, que hoje tem o mesmo objetivo. Disse Trump que no seu governo vai prevalecer o mérito e não a cor da pele ou a genitália. No Brasil, seria difícil. Aqui o “quem indica” é muito forte - e cor da pele e genitália são argumentos para ganhar direitos. Trump anunciou que

cartéis serão considerados como terrorismo estrangeiro - aqui, os cartéis do crime estão cada vez mais entrelaçados com a política e o estado nacionais. Também vai combater o crime aumentando o poder da polícia; quando Bolsonaro fez isso, as estatísticas de crimes violentos despencaram; mas hoje, por aqui, se estimula o crime, esvaziando poder da polícia e constangendo os policiais, enquanto se inverte: o assaltante é vítima da sociedade. Não vamos esquecer a Constituição e nosso Deus - disse Trump. Por terras brasileiras, isso até que valeu e rendeu frutos, mas hoje até os que juraram defender a Constituição a esquecem - e o nome de Deus só é lembrado para demagogia.

Quando Trump prometeu retomar o Canal do Panamá, porque fora dado ao Panamá aos chineses é que o estão administrando, lembrei das instalações da Petrobras na Bolívia, que foram ocupadas militarmente por Evo Morales, com zero reação do governo Lula. Trump vai combater a inflação do dólar contendo o excesso de gastos do governo - no mesmo dia, Lula, com uma multidão de ministros em torno de mesa gigantesca, prometia baratear os alimentos da magra mesa do trabalhador; mas não reduz o excesso de gastos com seu próprio governo, nem a dívida pública, que paga altos juros para

PINGA-FOGO

■ ACCIOLY AGRACIADO NA ACRJ - O empresário Alexandre Accioly será agraciado com o Prêmio Barão de Mauá - Rio Empreendedor 2025 por sua atuação como empreendedor inovador e pioneiro em todas as áreas em que atua. Ele receberá a medalha Mauá do bicentenário da ACRJ e um diploma de reconhecimento por sua atuação empresarial a favor do Rio.

■ ESCOLHA UNÂNIME - Accioly foi escolhido por unanimidade pelo Comitê de Elegibilidade da ACRJ e aprovado pela Presidência e Diretoria da associação. O Prêmio Barão de Mauá - Rio Empreendedor é uma premiação concedida a empresários com negócios estabelecidos no Rio de Janeiro que alcance os critérios de mérito e inovação.

■ AULA INAUGURAL - A prefeita de Barra do Pirai, Kátia Miki, participou da aula inaugural dos cursos profissionalizantes em parceria com o Firjan Senai. O encontro ocorreu no Espaço Cultural Rosemar Muniz Pimentel, na antiga Estação Ferroviária, mesmo local onde as atividades estão sendo ministradas. Aliás, Kátia Miki ressaltou que a estação ferroviária servirá como espaço para vários outros cursos de diferentes áreas.

■ PRESENCAS - Também estiveram presentes na aula inaugural o secretário de Turismo e Cultura, Tadeu Oliveira; o secretário de Comunicação Social, Hugo Marques; e o secretário de Administração, Iury Ferreira.

■ PARCERIA PUJANTE - O lançamento das obras do futuro Banco de Sangue de Valença, organizado pela Fundação Educacional Dom André Arcoverde, teve a presença de pesos pesados do Estado do Rio. Entre as autoridades, o presidente da FAA, Rogério Neto; o prefeito de Valença, Saulo Corrêa; o deputado federal Hugo Leal, autor de duas emendas para a realização do projeto; o deputado estadual André Corrêa; o vereador e presidente da Câmara, Eduardo Ávila; o secretário de Saúde, Rafael Tavares; e o professor Miguel Pellegrini. A previsão é de que a unidade, com recursos federais de R\$ 1,6 milhão, entre em funcionamento em agosto de 2026.

ser sustentada - num custo que se espalha para todos. Para taxar menos os americanos, Trump vai taxar mais quem vende para os americanos, principalmente os chineses. Por aqui, os chineses ampliam presença e o governo tentou enquadrar no imposto de renda os informais do setor mais baixo da renda.

A liberdade de expressão é a jóia da coroa do governo Trump. Jamais o governo irá perseguir seus opositores - disse Trump. Aqui, criticar é crime, segundo o governo e alguns jornalistas. Trump sabe que a ambição impulsiona uma nação; no Brasil, os empreendedores, os de iniciativa, são criticados pela inveja ideológica. Gente que condena (e queima) bandeirantes de ontem, hoje faz o mesmo com os novos bandeirantes da Amazônia. Trump saúda os pioneiros do passado e lança os do futuro, com a conquista de Marte. Aqui, não conseguimos fazer uma pequena linha de trem-bala. Fomos colonizados pelos mesmos europeus, africanos e asiáticos. Por que os Estados Unidos são os primeiros no mundo e nós o eterno “país do futuro”? Eles têm maior número de prêmios Nobel e nós, nenhum; festejamos Macunaíma. Valeria um exame de consciência, examinando os motivos, depois de sacudidos pelo discurso de Trump.